

## Autoria feminina e os livros didáticos do pnd 2018 um estudo analítico

Sâmila Luísa de Faria Miranda <sup>1</sup>; Marina Sales Reis <sup>2</sup>; Aline Alves Arruda <sup>3</sup>

1 Sâmila Luísa de Faria Miranda, estudante da 2ª. Série do curso técnico em Química, IFMG, campus Betim – MG; samilaluisa@gmail.com

2 Marina Sales Reis Bolsista IFMG, Técnico integrado em Química, IFMG Campus Betim - MG; marinasalesr@gmail.com

3 Orientadora: Professora Aline Alves Arruda. Pesquisadora do IFMG, Campus Betim; aline.arruda@ifmg.edu.br

### RESUMO

Às mulheres sempre foi relegado o direito à escrita. Embora muito tenha mudado e o espaço dado às escritoras seja hoje maior, no âmbito escolar, especialmente, há muito que conquistar. A primeira legislação brasileira autorizando a educação pública feminina data de 1827. Antes, apenas nos conventos ou em casa, com professores particulares, mulheres eram alfabetizadas. Isso nos mostra o quanto ler e escrever foram atividades negadas às mulheres. Mesmo começando lentamente a partir daí, sabemos que era privilégio de poucas, brancas e de alta classe. No século XX a luta pelo direito ao voto, à educação superior e à inserção no mercado de trabalho com direitos iguais aos dos homens serve de pano de fundo para muitas escritoras alçarem voo. Nomes como os de Rosalina Coelho Lisboa (1900-1975) e Gilka Machado (1893-1980), destacam-se politicamente e literariamente. Nenhuma delas, no entanto, é estudada na educação básica brasileira, em geral. A partir da experiência das professoras de literatura de Ensino Médio autoras deste projeto, percebeu-se que a maior parte dos escritores citados nos livros didáticos deste nível de ensino são homens brancos. Apesar das recentes atualizações fruto das discussões sobre gênero e etnia dos últimos anos, ainda é pouco o número de mulheres citadas e estudadas nesses livros utilizados pelas escolas públicas de todo o país. Com este projeto pretende-se, assim, descortinar o ensino de literatura no ensino médio através do principal instrumento usado pelos professores brasileiros: o livro didático escolhido pela equipe docente e enviado pelo governo para as escolas de todo o país. Através de estudos teóricos sobre gênero e literatura e, após, um levantamento quantitativo e qualitativo da presença de escritoras nos livros didáticos, vimos percebendo que a frequência maior é de autores homens e brancos. Dessa forma, o alcance dessas coleções é uma amostra de como se pode mudar a realidade do ensino de literatura no país se a informação chegar corretamente aos professores e aos estudantes que utilizam em sala o importante instrumento do livro didático.

### INTRODUÇÃO:

Às mulheres sempre foi relegado o direito à escrita. Virginia Woolf já nos avisava em seu clássico *Um teto todo seu* em relação à educação precária para a mulher e as más condições femininas para a escrita. “(...) a mulher precisa ter dinheiro e um teto todo seu se pretende mesmo escrever ficção” (Woolf, 1985). A conhecida frase, publicada no livro *Um teto todo seu*, foi dita por Woolf quando de sua palestra para uma plateia feminina em Cambridge, em 1928. Transgredindo o gênero conferência, a escritora inglesa parte dessa tese – de que a mulher que deseja escrever precisa ter privacidade e condições materiais mínimas que lhe propiciem um ambiente de escrita – para proferir uma fala que transita entre palestra, ensaio, ficção ou reflexão, digna de uma escritora como ela, que, nas primeiras décadas do século XX, fez contribuições tão significativas e marcantes para a história da mulher na literatura. Tal afirmação costuma também ser usada no sentido metafórico para abordar a ausência da mulher na tradição literária e discorrer sobre os problemas que aquelas que se queriam escritoras enfrentavam no campo hostil da sociedade masculina.

A frase de Woolf ainda ecoa e nos encontra no século XXI. Embora muito tenha mudado e o espaço dado às escritoras seja hoje maior, no âmbito escolar, especialmente, há muito que conquistar.

A primeira legislação brasileira autorizando a educação pública feminina data de 1827. Antes, apenas nos conventos ou em casa, com professores particulares, mulheres eram alfabetizadas. Isso nos mostra o quanto ler e escrever foram atividades negadas às mulheres. Mesmo começando lentamente a partir daí, sabemos que era privilégio de poucas, brancas e de alta classe.

Precursoras como a potiguar Nísia Floresta (1810-1885), que publicou textos em jornais de grande circulação e também diversos livros, pleitearam para as outras o direito à instrução e ao trabalho. Constância Lima Duarte (2003, s/p) afirma que

em 1832, eram raras as mulheres brasileiras educadas e, em menor número ainda, as escritoras. A mineira Beatriz Francisca de Assis Brandão (1779-1860), e as gaúchas Clarinda da Costa Siqueira (1818-1867) e Delfina Benigna da Cunha (1791-1857), eram algumas dessas exceções hoje conhecidas. Mesmo entre os chamados "jornais femininos", apenas existiam uns poucos periódicos dirigidos por homens mais sensíveis às mudanças do comportamento social, e que se apressavam em oferecer publicações especialmente pasteurizadas para o público feminino.

Mesmas essas escritoras citadas pela professora e pesquisadora mineira não são ainda conhecidas do grande público e nem fazem parte do currículo escolar básico brasileiro.

Ainda no século XIX muitas mulheres, levadas pelo que a pesquisadora chama de "onda feminista" seguem o caminho da educação formal, viajam ao exterior para estudar, ocupam espaço na imprensa nacional e muitas arriscam nas letras literárias ainda cunhando uma história invisível para a maioria de então.

No século XX a luta pelo direito ao voto, à educação superior e à inserção no mercado de trabalho com direitos iguais aos dos homens serve de pano de fundo para muitas escritoras alçarem voo. Nomes como os de Rosalina Coelho Lisboa (1900-1975), ganhadora do concurso literário da Academia Brasileira de Letras em 1921 e Gilka Machado (1893-1980), que rompeu paradigmas publicando poesia erótica, destacam-se politicamente e literariamente. Nenhuma delas, no entanto, é estudada na educação básica brasileira, em geral.

Talvez Rachel de Queiroz seja o nome que rompa com o cânone masculino ao publicar seu famoso romance *O quinze* em 1930 e, ao se tornar a primeira mulher a ocupar uma cadeira na ABL. O nome dela é dos poucos que notamos, num primeiro momento de rápida leitura, aparecer nos livros didáticos comumente usados nas escolas brasileiras de ensino médio.

À Rachel seguiram-se outros nomes conhecidos como Clarice Lispector, Lygia Fagundes Telles, Nélida Piñon, entre outros, além de "desconhecidas", mas com igual importância, como Rose Muraro.

A partir da experiência das professoras de literatura de Ensino Médio autoras deste projeto, percebeu-se que a maior parte dos escritores citados nos livros didáticos deste nível de ensino são homens brancos. Apesar das recentes atualizações fruto das discussões sobre gênero e etnia dos últimos anos, ainda é pouco o número de mulheres citadas e estudadas nesses livros utilizados pelas escolas públicas de todo o país. Além disso, quando citadas, é dado a elas um pequeno espaço ou um pequeno "box" na página inteira, prevalecendo, portanto, quase sempre o cânone masculino e branco predominante na divisão ainda usada de estilos literários.

Com este projeto pretende-se, assim, descortinar o ensino de literatura no ensino médio através do principal instrumento usado pelos professores brasileiros: o livro didático escolhido pela equipe docente e enviado pelo governo para as escolas de todo o país. O alcance dessas coleções é uma amostra de como se pode mudar a realidade do ensino de literatura no país se a informação chegar corretamente aos professores e aos estudantes que utilizam em sala o importante instrumento do livro didático.

## METODOLOGIA:

Este projeto é *Inter campi* e além do campus Betim do IFMG, conta com a parceria com os CEFETs de Belo Horizonte e Nepomuceno, através das professoras Claudia Maia, Maria do Rosário Pereira e Cristiane Cortes. Todas doutoras pela UFMG e pesquisadoras de literatura de autoria feminina, membros do grupo de pesquisa *Mulheres em Letras* (UFMG), além da professora Elisângela Lopes, do IFSULDEMINAS, campus Pouso Alegre.

Dessa forma, dividimos as coleções dos livros didáticos indicados para o PNLD 2018 entre as pesquisadoras e seus bolsistas e, depois, começamos o trabalho quantitativo e qualitativo.

Auxiliadas pelos bolsistas, temos feito, num primeiro momento, um levantamento quantitativo e onomástico das escritoras presentes nos três volumes das coleções de livros didáticos. Num segundo momento, far-se-á uma análise de como essas mulheres são representadas nas coleções, ou seja, de que forma elas são trazidas pelos autores, como são colocadas para o professor e para o estudante.

No campus Betim, o projeto iniciou-se em 2018 com duas pesquisadoras, a bolsista Lorena Cândida e a voluntária Roberta Martins. Lorena fez o levantamento dos autores presentes na coleção *Português*:

*Contexto, interlocução e sentido*, publicada pela editora Moderna e adotada no campus Betim. Roberta analisou os livros 1 e 2 da coleção Novas Palavras, da editora FTD. Em 2019 o projeto conquistou outra bolsa em edital que hoje pertence à estudante do ensino médio integrado Marina Sales. A pesquisadora analisou o livro 3 da coleção que Roberta havia começado. A pesquisadora Sâmila, autora das análises que aqui apresentamos, é voluntária, entrou no projeto em 2019 e analisou até agora o livro 1 da coleção *Língua Portuguesa: linguagem e interação*, publicado pela editora Ática.

Para o levantamento, as pesquisadoras do IFMG Betim estão usando uma tabela confeccionada em parceria com as pesquisadoras do CEFET-Nepomuceno. Cada texto presente no livro, verbal e não verbal, é inserido numa planilha com os seguintes itens: nome do(a) autor(a); tipo de obra (ilustração, poema, conto, crônica, crítica literária etc); título da obra; página do livro em que se encontra; sessão do livro em que se encontra o texto (literatura, redação ou gramática); gênero do autor (masculino ou feminino); etnia a que pertence; região brasileira onde mora ou país (caso seja estrangeiro) e por último, grupo identitário explícito (militante de algum grupo identitário, por exemplo).

É importante lembrar que todo esse projeto tem sido permeado por estudos teóricos sobre a história das mulheres na literatura brasileira, como “A questão do cânone” MUZART (1995), “Feminismo e literatura no Brasil” DUARTE (2003), “Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea” DALCASTAGNÈ (2017), além de estudos sobre o livro didático.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES:

A princípio, realizaram-se pesquisas bibliográficas durante os três primeiros meses. Em seguida, passamos às análises dos livros didáticos. A pesquisadora Sâmila Luísa se dedicou a analisar o livro 1 da coleção *Língua Portuguesa: linguagem e interação*, publicado pela editora Ática. O autor do livro é o conhecido Carlos Faraco, tradicional autor de livros didáticos de Língua Portuguesa no Brasil.

A seguir, os dados levantados até agora:

Autores	Homens	Mulheres	Total
Citação até a página 200	93	31	124
Pardos	3	1	4
Negros	3	0	3
Porcentagem total	75%	25%	100%
Porcentagem não-brancos	6,45%	3,22%	9,67%

## CONCLUSÕES:

Assim como os livros analisados pelas estudantes pesquisadoras em 2018, o livro 1 da editora Ática, tradicional empresa produtora de livros didáticos no Brasil, confirma a ideia canônica de que a literatura brasileira é predominantemente branca e masculina.

O livro em questão tem como conteúdo de literatura do ensino médio a teoria literária para iniciantes, trazendo por isso uma boa parte sobre estilística e gêneros literários, por exemplo. Há, por isso, uma grande presença de escritores contemporâneos, para ilustrar essa teoria. Assim explicamos, inclusive, a

presença de escritoras renomadas como Marina Colasanti e outras mais contemporâneas, atuais best seller, como Marta Medeiros. No entanto, elas estão em muito menor número do que os homens.

Mas a maior injustiça se faz com as escritoras negras, embora elas estejam publicando há anos, desde o século XIX, com Maria Firmina dos Reis, não aparecem nas 200 páginas analisadas até agora neste livro didático. Escritoras como Conceição Evaristo, renomada, vencedora do prêmio Jabuti, o maior da literatura brasileira, não aparecem no livro responsável por divulgar a literatura em escolas públicas brasileiras, onde muitos estudantes negros terão nesse instrumento pedagógico a ausência de representatividade na literatura brasileira.

Nossa pesquisa está em andamento, no próximo mês avançaremos nas análises para o relatório semestral e até dezembro terminaremos a análise do livro 1 e continuaremos com os outros 2 livros desta coleção.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

DALCASTAGNÊ, Regina. Uma voz ao sol: representação e legitimidade na narrativa brasileira contemporânea. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, v. 20, p. 33-77, 2002.

DALCASTAGNÊ, Regina. Entre silêncios e estereótipos: Relações raciais na literatura brasileira contemporânea. In: DALCASTAGNÊ, Regina; EBLE, Laeticia. **Literatura e exclusão**. Porto Alegre: Zouk, 2017. p. 217-238.

DUARTE, Constância Lima. **Feminismo e literatura no Brasil**. Estudos Avançados 17 (49), São Paulo, 2003, pp.150-172.

FARACO, Carlos Emílio. **Língua portuguesa: linguagem e interação**. São Paulo: Ática, 2016. 3 ed.

MARTINS, Ligiane; SANTOS, Vanessa dos Anjos. "A importância do livro didático". **Revista virtual Candombá**. V.7.n.1.p.20-33. Jan - dez de 2011. Disponível em: <http://revistas.unijorge.edu.br/candomba/2011-v7n1/pdf/3VanessadosAnjosdosSantos2011v7n1.pdf> - acesso em 01/05/2019.

MUZART, Z. L. **A questão do cânone**. Anuário de Literatura, Florianópolis, n.3, p. 85-94, 1995.

#### Participação em Congressos, publicações e/ou pedidos de proteção intelectual:

Este projeto foi apresentado em 2018 no VII Seminário de Iniciação Científica do IFMG, no campus Sabará, também na Semana de Ciência e Tecnologia do IFMG, campus Betim, pelas pesquisadoras que já se formaram no Ensino médio técnico. Neste 2019, pretendemos fazer o mesmo percurso nestes dois eventos, com os dados das novas pesquisadoras. A orientadora, professora Aline Arruda apresentará os resultados também no evento Seminário Internacional Mulher e Literatura, em Sergipe, no mês de agosto.